

Um estudo sobre o Empoderamento Feminino para mulheres em vulnerabilidade social

A study on female empowerment for women in social vulnerability

Estudio sobre empoderamiento femenino de mujeres en vulnerabilidad social

Karine Nogueira de Souza¹

Resumo

Neste artigo objetivamos conhecer a percepção das mulheres mães, que vivem em situação de vulnerabilidade social sobre o empoderamento feminino. Para tanto, utilizamos o desenho qualiquantitativo com questões de associação livre e entrevista semi estruturada, tendo como base metodológica a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici e a abordagem estrutural com os quadrantes de Abric. Identificamos que a compreensão sobre o objeto de estudo não se difere significativamente pela a faixa etária e ciclo de vida das mulheres participantes do estudo. Os resultados apresentam como ancoragens o desejo e a vivência do protagonismo, as mulheres acreditam que a imposição de padrões de gênero acarreta a falta de liberdade e insegurança.

Palavras chave

Empoderamento feminino; mulher; vulnerabilidade; comportamento coletivo; representação social.

Abstract

In this article we aim to understand the perception of women mothers, who live in a situation of social vulnerability about female empowerment. For that, we used the qualitative and quantitative design with questions of free association and semi-structured interview, having as methodological basis the Theory of Social Representations of Serge Moscovici and the structural approach with Abric's quadrants. We found that the understanding of the object of study does not differ significantly by the age group and life cycle of the women participating in the study. The results anchor the desire and experience of protagonism as anchors, women believe that the imposition of gender standards leads to a lack of freedom and insecurity.

Keywords

Female empowerment; woman; vulnerability; collective behavior; social representation.

¹ Psicóloga, pela Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Especialista em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS. Doutora em Psicologia pela Universidade de Ciências Empresariais e Sociais - UCES, Buenos Aires – AR. Contato: karinen.psico@gmail.com

Resumen

En este artículo buscamos comprender la percepción de las mujeres madres, que viven en situación de vulnerabilidad social sobre el empoderamiento femenino. Para ello se utilizó el diseño cualitativo y cuantitativo con preguntas de libre asociación y entrevista semiestructurada, teniendo como base metodológica la Teoría de las Representaciones Sociales de Serge Moscovici y el enfoque estructural con cuadrantes de Abric. Encontramos que la comprensión del objeto de estudio no difiere significativamente por el grupo de edad y ciclo de vida de las mujeres que participan en el estudio. Los resultados anclan el deseo y la experiencia de protagonismo como anclas, las mujeres creen que la imposición de estándares de género conduce a una falta de libertad e inseguridad.

Palabras clave

Empoderamiento femenino; mujer; vulnerabilidad; comportamiento colectivo; representación social.

Introdução

De acordo com Moscovici (1978) a Representação Social tem como objetivo compreender a origem dos comportamentos e como se dá a comunicação entre os mesmos, se caracteriza como um modalidade de conhecimento particular e se identifica como a forma definida pelos sujeitos para se apropriarem de interações sociais a fim de tornar concreto situações que até então eram abstratas.

Nogueira e Di Grilo (2020) ao citarem Moscovici (1981) pontuam que a representação social mostra que o senso comum é uma versão do conhecimento científico e se estabelece por meio de regras e se dá de forma distinta, a partir do momento que o sujeito suga categorias de pensamento da sociedade e passa a fazê-las parte do seu cotidiano e seus comportamentos.

Arruda (2014), apresenta duas formas diferentes apresentadas por Moscovici de se comunicar e se reconhecer, presentes na Teoria das Representações Sociais, sendo a forma consensual e a científica. A forma consensual se estabelece pela comunicação informal entre os pares, e a forma científica se define pela possibilidade de transformar o que era desconhecido e abstrato em algo concreto e real, com linguagens específicas e hierarquias preponderantes. As duas possibilidades, consensual e científica, são importantes, contudo, a representação social se constrói prioritariamente sob a esfera consensual.

A Teoria da Representação Social é um modelo teórico que tem como finalidade compreender e explicar a construção dos conhecimentos estabelecidos pelo grupo, a teoria leiga, que se dá a partir do senso comum. É necessário ter clareza de que nem todo o conhecimento de senso comum são Representações Sociais, para isso o objeto deve se apresentar como relevância cultural ao grupo, sendo polissêmico e polimorfo, conferindo diferentes sentidos nos diversos contextos socioculturais em que está inserido e se constrói (Jesuino, 2000).

Moscovici ao compreender que as representações sociais podem mudar de acordo com as circunstâncias da sociedade, sentiu a necessidade de dar ênfase a qualidade dinâmica das representações e se opôs com isso ao caráter estático apresentado na teoria de Durkheim, que se firma em questões individuais. Ainda relacionado as divergências presentes na teoria de Durkheim e Moscovici, Alexandre (2004) agrega a questão das ideias sociais como outro ponto relevante.

Alexandre (2004), afirma ainda, que uma outra diferença que precisa ser levada em consideração é que na representação defendida por Durkheim se considera a reprodução das ideias sociais, enquanto que nas representações sociais de Moscovici, se considera a produção e a elaboração do caráter social, sem que para isso seja imposto as consciências individuais.

Moscovici (2003), aponta que, no momento em que antecipa as condutas humanas e permite compreender a formação do pensamento social, a representação social passa a ser instrumento da psicologia

social como processo dinâmico. De acordo com Valsiner (2003) a representação social designa ao mesmo tempo um produto e um processo. Enquanto processo, de acordo com Jodelet (2001) “é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (p.22).

Segundo a teoria das representações sociais, uma representação não é uma cópia fiel de um objeto da realidade objetiva, ela é uma construção coletiva onde o grupo cria um objeto a partir das representações vividas, substitui o objeto recriando-o (Moscovici, 1976).

Empoderamento Feminino

De acordo com Assis (2017), o empoderamento feminino se constitui por ações que buscam fortalecer mulheres e desenvolver a equidade de gênero, se compõe por uma consciência coletiva e está interligado com as lutas e movimentos feministas. Mesmo sendo questões distintas (empoderamento e feminismo) possuem o aspecto comum de buscar fortalecer as mulheres com relação as suas potencialidades.

O empoderamento feminino proposto pela autora se caracteriza por ter consciência do próprio poder, e se perceber como capaz, conhecendo suas potencialidades.

Leon (1997), aponta que o empoderamento feminino, busca formas de pensar práticas que promovam a autonomia e superação da desigualdade de poder. Alguns fatores como a difusão do debate teórico sobre poder das mulheres e o planejamento de estratégias de desenvolvimento tornaram central a discussão sobre empoderamento nos debates e estratégias de desenvolvimento no que tange as causas feministas.

O empoderamento deve ser considerado um aspecto coletivo pois há a necessidade de compreender a influência social e o que o acesso ou não aos direitos acarretam na vida dos indivíduos, para se pensar formas de minimiza-los, caso sejam negativos. É preciso considerar a relação entre as práticas cotidianas e as estruturas de poder e considerar o contexto social, histórico e político dos indivíduos (Leon, 1997).

De acordo com Marinho e Gonçalves (2016), o empoderamento feminino pode ser pensado na chamada segunda vaga de estudo de gênero, onde a maior bandeira era a discriminação por gênero, onde se buscava uma política de respeito às diferenças e de igualdade de direitos, fundada no reconhecimento de equivalência entre os sexos, não de superioridade. A valorização das especificidades e da multiplicidade dos grupos de mulheres se encontra na terceira vaga. Neste sentido, é possível compreender que os estudos feministas formam aportes importantes para se pensar o empoderamento feminino.

Batliwala (1997), faz uma ligação entre a definição de poder e empoderamento. Poder é o controle que se tem sobre os recursos materiais, intelectuais e sobre as ideologias, enquanto que empoderamento é “proceso de desafío de las relaciones de poder existentes, así como el de obtención de un mayor control sobre las fuentes de poder” (Batliwala 1997, 193).

Após a definição da Organização das Nações Unidas – ONU, de incluir o empoderamento feminino como um dos objetivos do milênio, muitas estratégias foram levantadas por equipamentos governamentais e não governamentais para o fomento de projetos que busquem empoderar as mulheres por meio de sua inclusão nos processos produtivos, porém, não se percebeu resultados positivos neste processo, visto que esta inclusão aumentou a sobrecarga do trabalho feminino, criando uma dupla jornada de trabalho devido ao acúmulo da responsabilidade do trabalho doméstico (Marín e Okali, 2008).

Outra tentativa de empoderamento feminino foi a participação nos programas de transferência de renda, este possibilita o recebimento de recursos financeiros, com isso a mulher apresenta uma maior autonomia para o uso do dinheiro e uma proximidade da rede de serviços socioassistenciais, o que viabiliza ações de conscientização sobre seus direitos. No entanto, a conformação do papel de mãe, que precisa ser responsável pelo filho, condicionalidade para o recebimento do benefício, se torna um fator que reforça a desigualdade dos papéis do homem e da mulher, o que se compreende como um obstáculo para o empoderamento feminino.

Tendo em vista as tentativas já realizadas de fomentar o empoderamento feminino, cabe a afirmativa de Leon (1997), que não há um processo linear, para que o empoderamento aconteça deve-se valorizar a história pessoal das mulheres, suas singularidades, apenas acolhendo as diferenças e multiplicidades será possível promover mudanças pessoais e sociais.

Vulnerabilidade social

Huning (2007) afirma que a vulnerabilidade social não se define apenas pelo índice de pobreza, e sim pelas organizações que podem construir a realidade dos sujeitos, mesmo em situação de renda equilibrada a mobilidade social pode ser restrita, devido a orientação sexual, gênero, etnia, raça e outras questões políticas e sociais.

Torossian (2013), fortalece esta afirmação ao pontuar que a vulnerabilidade social se define pela inclusão ou não da população aos serviços e políticas públicas, sendo essa a produção de vários sentidos que pode tanto manter os indivíduos em situação de risco quanto para a construção de empoderamento e estratégias dos sujeitos na elaboração de potência de vida.

Estar em vulnerabilidade social implica em estar em risco, fragilidade ou dano, se apresenta como a dificuldade para lidar com a exposição a situação de tensão, esta condição pode ser tanto individual quanto coletiva.

Segundo o Ministério de Desenvolvimento Social (2011), a vulnerabilidade social deve ser compreendida em dois aspectos: objetivo e subjetivo. No objetivo se considera as questões materiais de privação de renda e acessos, enquanto que no campo subjetivo leva-se em consideração as experiências negativas vivenciadas, de violência, desvalorização, discriminação e exploração, sejam elas no âmbito familiar e comunitário, que acarretam fragilização nos vínculos, podendo desta forma ser definida como vulnerabilidade relacional.

1 Método

1.1 Participantes

O estudo foi composto por uma amostra de 30 mulheres, mães, residentes no município de São Paulo, SP, Brasil, com idade entre 18 a 55 anos que vivem em situação de vulnerabilidade social. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa no estado de São Paulo, Brasil e todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

1.2 Técnica e Instrumentos

Como técnica utilizamos a entrevista semi estruturada e questionários de associação livre.

1.3 Procedimentos

A entrevista foi realizada na instituição não governamental, onde as mulheres participam do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. Participamos de quatro encontros junto com as mulheres, onde foi apresentado a pesquisa, seu objetivo e convidamos as mulheres a participarem do estudo.

O perfil definido para a participação é que fossem mães, com idade entre 18 a 55 anos. Com a confirmação do interesse em participar, foi realizado o agendamento de acordo com as possibilidades das entrevistadas e realizado no mesmo dia que teriam encontros agendados no serviço.

Para melhor conhecer e distinguir os perfis do público, antes de iniciar as entrevistas semi estruturadas aplicou-se um questionário socioeconômico que nos possibilitou analisar aspectos como:

cor/etnia declarada, estado civil, onde e em quais condições cada entrevistada mora, com quem e quantas pessoas dividem a mesma residência e qual a principal fonte de renda da família.

A partir do questionário foram divididos dois grupos para verificar distinções entre as representações sociais sobre empoderamento feminino. Um grupo formou-se por mulheres com idade entre 18 e 39 anos e o segundo grupo por mulheres com idade de 40 a 55 anos.

1.4 Análise dos resultados

Para a análise dos dados utilizamos a abordagem estrutural defendida por Abric, com a definição de quadrantes com núcleo central, primeira e segunda periferia e a zona de contraste.

Para cada relato foram retiradas as frases sínteses e codificadas de forma aberta, os quadrantes foram formados a partir da frequência e importância de cada frase síntese.

A análise do questionário de associação livre se deu de forma manual, as palavras evocadas foram organizadas por categoria de acordo com a recorrência quantitativa das mesmas.

2 Resultados

2.1 Empoderamento Feminino como expressão indutora

As palavras associadas à expressão indutora Empoderamento Feminino revelaram seis categorias: educação, padrões de gênero, sentimentos e direitos.

A categoria *direitos* apresentou o maior número de palavras evocadas, o que nos revela a importância de conhecerem e se sentirem incluídas nas políticas de acesso, compreendem que possuem bem mais direitos do que acessam e que se todos fossem oportunizados a possibilidade de serem empoderadas seria bem maior.

A segunda categoria com mais palavras evocadas foi *padrões de gênero*, carregada de experiências negativas e que foram enraizadas em suas trajetórias de vida. Aparecem nestas categorias relatos de resistência aos padrões impostos, bem como aceitação dos mesmos, que aparecem muitas vezes como motivador da situação atual vivida pelas mulheres.

A categoria *educação* é constituída por satisfação, conhecimento, sabedoria, e outra gama de ligações que a fazem surgir como possibilidade de qualificar o cotidiano das mulheres, se percebe que as entrevistadas veem na educação o meio de superar os obstáculos e melhorar as condições de vida.

Ao apresentar a categoria *autoimagem*, as entrevistadas definem como se sentem ao vivenciar o empoderamento, percebe-se que as questões positivas envolvidas e a liberdade em poder ver-se enquanto mulher que assume os caminhos de sua vida e se sentem protagonistas de sua história.

2.2 Empoderamento feminino: Representação social pela análise dos quadrantes de Abric

Para a análise das Representações Sociais sobre o Empoderamento Feminino, organizamos uma entrevista semi estruturada com 3 questões, a partir das quais levantamos uma representação social única advinda das representações de cada uma das questões.

A partir da análise dos relatos, foram estabelecidas frases sínteses constituídas pela avaliação da pesquisadora com o apoio de outros dois juízes (uma assistente social e uma pedagoga), pudemos ter 3 análises sobre os relatos das entrevistadas. A partir das frases sínteses se estabeleceram categorias que se constituíram por: protagonismo, imposição de padrões de gênero, insegurança, falta de liberdade, pertencimento social, falta de oportunidade, falta de informação, violência de gênero, igualdade de oportunidades e impulso para ação.

Na categoria *protagonismo*, abordamos as falas onde as mulheres pontuam experiências positivas com relação a conduzir a própria vida, a tomar decisões sozinha e definir como educar e direcionar seu próprio desenvolvimento e de seus filhos.

Na categoria *imposição de padrões de gênero*, incluímos os relatos que apresentaram a aceitação dos padrões criados pela sociedade, onde o homem é criado para ser servido e é quem toma as decisões mais importantes na família e a mulher é submissa e mesmo sozinha não consegue definir os caminhos a serem seguidos, por ser frágil e necessitar constantemente de apoio de alguém do sexo masculino.

Como *falta de informação*, abordamos os relatos onde as mulheres apresentam não saber onde são os espaços de discussão, onde podem procurar informações sobre os direitos, bem como as falas apresentadas com relação a vontade de participar de espaços democráticos de discussão.

Como *insegurança*, foi-se abordado na categoria todos os relatos que as mulheres trouxeram com relação aos medos e receios de serem sozinhas e terem que dirigir suas próprias vidas e de seus filhos.

Foram abordados na categoria *falta de liberdade*, os relatos que apresentam que por mais que as mulheres queiram tomar novos rumos e buscar o protagonismo não se consideram com liberdade suficiente, pois são cobradas constante pelo que fazem ou deixam de fazer.

Na categoria *falta de oportunidade*, incluímos os relatos que apresentam as oportunidades de trabalho e estudo muito pequenas ou escassas para mulheres que possuem filhos pequenos e menor nível de escolaridade.

Foram abordados na categoria *pertencimento social*, as falas que apresentam o reconhecimento das mulheres no processo de construção da sua identidade, de se apropriar das possibilidades de participação

na sociedade, a preocupação com as demais pessoas que moram na comunidade, bem como as falas que apresentam necessidade e desejo de estar e ser aceita em grupo.

Abordamos na categoria *violência de gênero*, os relatos que apresentam vivências de relacionamentos violentos, seja esta violência física, psicológica, moral, sexual ou patrimonial.

Como *igualdade de oportunidade*, abordamos as falas que trazem a necessidade de que tanto as mulheres quanto os homens tenham as mesmas oportunidades de trabalho e desenvolvimento.

Abordamos na categoria *impulso para a ação*, os relatos que representam mobilidade, ações que tornam possível a realização de movimentos no sentido de mudar a situação atual de vida para melhor.

Questão 1- O que significa empoderamento feminino para você?

Os resultados obtidos apresentados nos mostram que as mulheres chefes de família compreendem o empoderamento feminino como a possibilidade de serem protagonistas, contrapondo a imposição de padrões de gênero presentes em nossa sociedade e as situações de violência de gênero ainda muito vivenciadas.

É poder me sentir, como mulher, eu, particularmente, é pelo motivo que eu vou voltar a falar, o mesmo caso...eu trabalhar, pra mim me sentir...me sentir...como é que fala, independente...sabe? Comprar minhas coisa, poder me arrumar, comprar a roupa que eu quero...me sentir uma mulher poderosa. Uma mulher independente, sabe? O que eu sentir vontade de comprar, eu compro...se eu tiver vontade de fazer qualquer uma coisa que esteja no meu alcance, eu fazer de livre e espontânea vontade, sem ficar pedindo marido nem ninguém...sabe? Então, eu me sinto assim.... Sabe? Ser independente e você ter, ser livre pra fazer o que você tem vontade (Relato da entrevistada G1.3).

Ao analisarmos a primeira periferia, temos a falta de oportunidades e impulso para a ação fortalecendo o apresentado no núcleo central, visto que tais aspectos resultam no pertencimento social negativo por não possibilitar a interação com qualidade nos espaços de discussão e não possibilitar autonomia esperada para conduzir as situações cotidianas.

...hoje em dia as pessoas dão poucas oportunidade, por exemplo, eu tenho trinta e nove anos...eu nunca trabalhei de carteira assinada na minha vida...só que eu já trabalhei muito, claro...sabe? Então...então é, é o que eu falo é mais era

oportunidade que eu não tinha...porque se eu vou ali e entrego currículo, eu quero uma vaga de emprego, “ai cê tem experiência na carteira?” Não...ah, então já me tira da lista...então eu fico triste com isso. Porque as vezes eu sei aquilo e quem não sabe aprende...porque eu tenho vontade de aprender, entendeu? Então, pra mim aprender a pessoa tem que me dar uma oportunidade, ninguém nasce falando, essa bebezinha de sete meses minha aqui eu vou ensinar pra ela a primeira palavra, a primeira frase...então, todo mundo tem que aprender, então...basta eu acho que que basta a iniciativa da pessoa mesmo, igual eu, tenho vontade de aprender, correr atrás, sabe? E é isso que eu fico triste porque a maioria das vezes que eu bato na porta, quando eu procurava emprego, que agora eu parei, que eu tô com a bebê...é “cadê a experiência na carteira? não tenho... (Relato da entrevistada G1.3).

O elemento presente na segunda periferia reforça o que já apresentado, visto que mostra a necessidade de igualdade de oportunidades para que as mulheres chefes de família possam disputar os mesmos empregos, as mesmas universidades e espaços de discussão que os homens. O fato de não apresentar elementos contratantes reforça os elementos presentes no núcleo central.

Questão 2 - Me diga palavras soltas que te façam pensar em Empoderamento Feminino

Ao falar sobre Empoderamento Feminino, as palavras mais apontadas pelas mulheres estão entre as categorias: protagonismo e pertencimento social. A primeira periferia vem reforçar que a igualdade de oportunidades ainda não é uma realidade entre o público da pesquisa, e esta igualdade cabe tanto para possibilidades de melhores empregos quanto para escolarização.

No relato das entrevistadas fica claro o quanto falta oportunidade para que possam reverter as situações negativas vivenciadas, se percebe que as condições financeiras possuem um peso grande para que possam buscar novas alternativas, o que não significa que fiquem de “braços cruzados” mas que as possibilidades são reduzidas.

E por você ser mulher, entendeu, cê não tem tanta oportunidade. Ainda mais sem estudo igual eu. Entendeu? Sem estudo lascou tudo minha fia. Por isso que eu bato na mesma tecla, é terminar de estudar. Eu quero pelo menos terminar o 3º ano...pra você ser gari, tem que ter pelo menos 1º ano e eu não tenho.

Entendeu? Aí pra mim trabalhar nu-numa cozinha, de ajudante, ou numa casa de alguém, a pessoa não conhece...num...você não tem referência, aí pra mim ter referência, eu tenho que trabalhar. E dar o melhor de mim, uma pessoa honesta, uma pessoa boa e assim é muito mais indicar um pro outro...entendeu? E...aí tem que ter a tal da experiência que a maioria exige na carteira... (Relato da entrevistada G2. 3).

Os elementos presentes na segunda periferia, sugerem coerência com o núcleo central, na medida que deles emergem o sentido de falta de informação, que impede que se alcance o protagonismo e pertencimento esperados. O elemento contrastante é fortalecido pela imposição de padrões de gênero, o que demonstra que as mulheres envolvidas no estudo se aceitam nesse espaço e por mais que o desejo de protagonismo seja grande os aspectos culturais exercem grande função no que diz respeito a mudança da estrutura social vigente.

Questão 3 - Você tem liberdade para tomar decisões da sua vida sozinha? Como você se sente sendo protagonista de suas ações?

Os resultados apresentados conferem a esta experiência um sentido ambíguo, visto que se apresentaram evocações voltadas a protagonismo, ao mesmo tempo que rodeada por insegurança. A zona de contraste fortalece esta ambiguidade ao apresentar a imposição dos padrões de gênero ancorando ao apresentado no núcleo central.

Sim, eu me sinto uma guerreira, plena, sinto que eu sou capaz né. Porque antigamente, há um tempo atrás, mulher era submissa ao homem né, não podia fazer nada, eu vejo isso pela minha mãe, hoje ela tem 72 anos, vejo tudo que ela passou pra criar 8 filhos e naquela época mulher não podia nem trabalhar né, na época dela, hoje eu já consegui todas as minhas coisas né, eu não...eu me sinto uma mulher guerreira (Relato da entrevistada G2.10).

Não tenho...É que eu sou muito insegura, né...nem todas as pessoas que eu confio...eu confio muito no meu filho...por isso eu falo pra você...meu filho é tudo na minha vida...eu sempre pergunto o que ele acha, o que que ele não acha...é um menino de dezenove ano, mas tem cabeça, graças a deus, que eu tenho uma

luz na minha vida...meu filho...primeiramente, deus, segundo meu filho (Relato da entrevistada G2.14).

Sim, mas é muito difícil, dá medo também dessa liberdade. Mas me sinto bem com isso. (Relato da entrevistada G2.15).

Ao examinarmos a primeira periferia, compreendemos que mulheres entrevistadas, buscam formas de melhorar as condições de empoderamento, porém não sentem-se com liberdade e informações suficientes para tal, e expressam tal condição pela imposição dos padrões de gênero vivenciados.

O elemento presente na segunda periferia reforça o apresentado no núcleo central por sentirem que falta oportunidades para que as mulheres possam ser protagonistas e terem o conhecimento que consideram necessário para desenvolverem-se com qualidade.

2.3 Representações sociais sobre Empoderamento Feminino de acordo com os grupos

Grupo 1- Mulheres mães de filhos menores de 18 anos, com idade de 18 a 39 anos

Com relação a Representação Social sobre Empoderamento Feminino, as mulheres do Grupo 1 apresentam as ancoragens voltadas para o protagonismo, este aparece no sentido de poder tomar decisões e responsabilidades sobre sua vida, poder exigir que seus direitos sejam legitimados e poder ser e fazer o que quiser sem dar explicações. Este protagonismo aparece cercado de insegurança e falta de liberdade, mostrando que por mais que o protagonismo seja o que se busca ele ainda não é real/concreto, é necessário quebrar alguns paradigmas para que se seja de fato vivenciado.

Na primeira periferia surgem elementos que representam o porquê das categorias apresentadas no núcleo central não serem vivenciadas em sua totalidade, representados pela imposição de padrões de gênero, que definem como a mulher deve se comportar, independentemente se este é ou não o desejo da mesma, há a necessidade de assumir tais padrões para que seja melhor aceita pela sociedade, seguida da falta de informação e falta de oportunidades, o que gera um sentimento negativo de pertencimento social.

Ao analisarmos a segunda periferia temos que não se vivencia ainda, a igualdade de oportunidades o que fortalece o fato de que o protagonismo ainda não é vivido em sua totalidade pelas mulheres como apresentado no núcleo central.

Na zona de contraste temos a presença forte da imposição de padrões de gênero, o que faz com que as mulheres compreendam e aceitem que de fato não devem ser empoderadas, pois há uma sociedade

construída culturalmente para que as mulheres se mantenham em situação de submissão e com participação secundária nos espaços.

Grupo 2- Mulheres mães de filhos maiores de 18 anos, com idade de 40 a 55 anos

As representações sociais de Empoderamento Feminino, presentes na fala das mulheres, apresentam protagonismo, vivências de violência de gênero, imposição de padrões de gênero e insegurança. Diferente do Grupo 1, o protagonismo para este grupo aparece de uma forma real, vivenciado por pessoas que tiveram maiores frustrações e perceberam que de toda forma haverá um julgamento da sociedade, acreditam que o olhar sobre a mulher precisa ser mudado e que parte das ações das próprias mulheres tal mudança.

Na primeira periferia se apresentam elementos que fortalecem o apresentado no núcleo central, que é o impulso para ação, pertencimento social e a falta de oportunidades como algo que dificulta a vivência mais qualificada do protagonismo.

Os elementos da segunda periferia mostram-se bastante condizentes com o núcleo central, tendo em vista a presença de sentimentos negativados, vivenciados por falta de informação e necessidade de igualdade de oportunidades. O elemento apresentado na zona de contraste não descaracteriza o núcleo central visto que a imposição dos padrões de gênero para este grupo aparece também como impulso para novas alternativas e buscas de estabelecer novas estruturas de convivência social.

2.4 Representação social das mulheres em situação de vulnerabilidade social sobre Empoderamento

Temos que a representação social das mulheres entrevistadas no estudo sobre Empoderamento feminino se ancora no protagonismo, este se apresenta como resistência, sendo vivenciado na prática, ou pelo desejo de ser protagonista, que se cerca por insegurança, falta de liberdade e imposição de padrões de gênero.

Na primeira periferia temos elementos que fortalecem o apresentado no núcleo central, apresentado pela categoria falta de oportunidade, falta de informação e violência de gênero que impede o pertencimento social de forma positiva.

Os elementos da segunda periferia fortalecem o núcleo central, visto que as categorias apresentadas são igualdade de oportunidades e impulso para ação, evidenciando que os aspectos presentes para esta categoria são causadores de fragilidades e impossibilitam uma maior qualidade ao vivenciar o empoderamento feminino.

O elemento presente na zona de contraste, reforça o quanto as mulheres se inserem no contexto de imposição de valores culturais com relação aos padrões de gênero, o que ao mesmo tempo as engessam e impedem de buscar novas possibilidades e servem como impulso para mudar a situação atual.

Discussão

Com relação as representações sociais apresentadas sobre a temática empoderamento feminino podemos observar poucas diferenças relevantes nos relatos entre os dois grupos, por ser um tema latente e novo em discussão as mulheres trouxeram em seus relatos muitas vivências e força.

Tanto no grupo 01 quanto no grupo 02, o protagonismo, em sua necessidade e desejo aparece como elemento principal, no grupo 01 é fortalecido pela insegurança e falta de liberdade por ser mulher e no grupo 02, a ancoragem se fortalece pelas vivências de violência de gênero e imposições de padrões de gênero que causam insegurança e sentimento de inferioridade.

A imposição dos padrões de gênero aparece para o grupo 01 como objetivação acompanhado por falta de informação e oportunidades que enfraquece a qualidade do pertencimento social. Estes dois últimos itens são apresentados também pelo grupo 02.

Os elementos presentes na segunda periferia convergem e apresentam a necessidade de maior igualdade de oportunidades, ao grupo 02 se acresce a necessidade de que as mulheres possuam maior informação.

O elemento contrastante para ambos os grupos apresenta a imposição de padrões de gênero, porém com sentidos distintos. Para as mulheres do grupo 01, a imposição da sociedade é forte o bastante para que muitas vezes sejam submissas ao sistema e aceitem a inferioridade imposta, enquanto que para o grupo 02 aparece como revolta e motivos para alçar novos caminhos e estabelecer ações que as tirem desta situação. O que se justifica pela fase do desenvolvimento psicossocial vivenciada pelos grupos.

Como o grupo 02, composto por mulheres com mais idade e com filhos maiores, compreendem que sua obrigação enquanto mãe já foi cumprida, se sentem mais livres para criar mudanças culturais, enquanto que o grupo 01 ainda está com os filhos dependentes e precisam voltar suas energias para a construção do futuro dos mesmos e para isso precisam abster-se de opiniões e lutas que podem causar desgastes além dos que já vivenciam.

As representações sociais construídas sobre empoderamento feminino, na junção dos grupos trazem em suas ancoragens o desejo e a vivência do protagonismo, acreditam que a imposição de padrões de gênero acarreta a falta de liberdade e insegurança, porém a busca por liberdade se faz presente seja por elas mesmas ou transferida aos filhos.

A partir dos elementos apresentados, reforçamos o pontuado por Marinho e Gonçalves (2016), o respeito as diferenças e igualdade de direitos, fundamentada pela equivalência dos sexos é bandeira fundamental para que o empoderamento feminino aconteça. Desta forma, é ainda muito importante a contribuição dos estudos feministas para desenvolvimento desta questão para o grupo entrevistado.

Considerações finais

Buscamos por meio dessa pesquisa, compreender os sentidos apresentados nas representações sociais de mulheres mães em situação de vulnerabilidade social. Os relatos apresentados pelas entrevistadas trouxeram elementos significativos que nos possibilitaram a aproximação com a realidade de vida de cada uma das participantes, foram relatos fortes de dificuldades e superação e acima de tudo, de desejo e busca por melhores condições de vida.

Ao analisarmos o empoderamento feminino, a partir dos relatos apresentados, temos que as mulheres trazem vivências negativas de imposição de padrões de gênero e toda a discriminação consequente do mesmo, o empoderamento em si já não é fomentado, o empoderamento feminino menos ainda, porém, é visível que o fato de ser um assunto em “alta”, faz com que as curiosidades e críticas com relação ao padrão de dominação patriarcal presente seja algo a ser combatido. Na prática, as mulheres ainda se sentem inseguras em todos os aspectos, seja com relação a buscar novos relacionamentos, a como se portar no ambiente de trabalho, a vulnerabilidade com relação aos riscos e a buscar alternativas para melhorar a qualidade de vida.

Ao utilizarmos a Teoria das Representações Sociais como aporte teórico metodológico pudemos nos aproximar das estruturas empíricas das mulheres e dar significado as vivências, angústias e potencialidades. Neste sentido, a escolha foi frutífera e atendeu as expectativas do estudo.

Compreendemos que é gritante a vinculação de políticas públicas para a população em situação de vulnerabilidade, especialmente para as mulheres, para além disso, existe a necessidade de um processo educacional igualitário, não patriarcal, que discuta padrões de gênero, perspectivas e projetos de vida e um Estado interessado e que dê conta das angústias desta população.

É preciso estabelecer equipamentos que ofereçam informações claras, com linguagem equivalente e compreensível, onde vejam as mulheres como participantes ativas do desenvolvimento da sociedade, que municiem as mesmas de ferramentas que as tornem mais seguras e para isso deve existir uma mudança cultural, onde não tenha-se definido ao nascer o papel de cada um na sociedade e da mulher como submissa e detentora de toda força. Força esta que se vira contra ela quando a mesma interioriza que precisa abraçar

o mundo, dar conta de si, dos filhos e de toda família, além de cumprir os padrões impostos, sendo estes de beleza e fragilidade, de sensibilidade e maternagem.

É necessário, cada vez mais, o desenvolvimento de pesquisas e programas com visões abrangentes, de forma a envolver tanto quem oferece os novos conhecimentos, quanto os conhecimentos já existentes das mulheres, para a criação de soluções possíveis e alcançáveis para a melhoria da qualidade de vida deste público.

Por fim, se faz necessário uma mudança de padrões e este como bem aponta as mulheres participantes da pesquisa se dará por meio da educação e pode ser potencializado por equipamentos e governos dispostos a quebrar paradigmas e que possa a ver todos e todas como cidadãos e cidadãs apenas, sem o peso do gênero e dos padrões criados pela sociedade.

Referências

Abric, Jean-Claude. (2003). A abordagem estrutural das representações sociais: *Desenvolvimentos recentes*. Em Campos, Pedro Humberto F., & Loureiro, Marcos Correa da S. (Orgs.). Representações sociais e práticas educativas. Goiânia: UCG, p. 3757.

Alexandre M. (2004). *Representação social: uma genealogia do conceito*. Rio de Janeiro - v.10 - nº 23 - p. 122 a 138

Arruda, A. (2014). *Representações sociais: dinâmicas e redes*. In: SOUSA, C. P. et.al. (Orgs.). Angela Arruda e as Representações Sociais: estudos selecionados. Curitiba: Champagnat. p.117-146.

Assis, J. S. I. (2017). Mas afinal, o que é empoderamento feminino? in *Revista Impact Hub*. 2. ed. São Paulo.

Batliwala, S. (1997). El significado del empoderamiento de las mujeres: nuevos conceptos desde la acción. *Em Poder y empoderamiento de las mujeres, compilado por Magdalena León*, 190-210. Bogotá: Tercer Mundo Editores — Universidad Nacional de Colombia.

BRASIL. Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Orientações Técnicas: Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). Brasília: 2011

Huning, S. M. (2007). Estudos Culturais e Produção de Sentidos: Diálogos Possíveis na Construção de Conhecimento. In: *Seminário brasileiro de estudos culturais em educação: poder identidade e diferença*. Canoas: Anais do 1º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação: poder identidade e diferença (CD-Rom). Canoas: Editora da ULBRA, 2004.

Jesuino, J. C. (2000). A psicologia social europeia. Em J. Vala & M. B. Monteiro (Orgs.), *Psicologia social* (pp. 49-60). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In D.

León, M. (1997). El empoderamiento en la teoría y práctica del feminismo. *Em Poder y empoderamiento de las mujeres, compilado por Magdalena León*, 25-45. Bogotá: Tercer Mundo Editores — Universidad Nacional de Colombia.

Marín, R., Okali, C. (2008). Empoderamiento de las mujeres a través de su participación en proyectos productivos: *experiencias no exitosas*. *Convergencia* 15: 119-141.

Marinho, P. A. S., Gonçalves H. S. (2016). Práticas de empoderamento feminino na América Latina. *Revista de Estudios Sociales* [Online], Disponível em

< <http://www.scielo.org.co/pdf/res/n56/n56a07.pdf> > Acesso em 15 de março de 2020.

Moscovici, Serge. (1976) *La Psicanalyse, son image et son public*. Paris: Presse Universitaire de France.

Moscovici, Serge. (1978). *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Moscovici, Serge. (1981). *On social representation*. Em Forgas, Joseph P. (ed.). *Social cognition*. London: Academic Press.

Moscovici, Serge. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 404.

Torossian, Sandra D., & Rivero, Nelson E. (2012). *Políticas públicas e modos de viver: a produção de sentidos sobre a vulnerabilidade*. In: CRUZ, L. R. da; Guarechi, N. (Org.). *Políticas públicas e Assistência Social: diálogo com as práticas psicológicas*. 3 ed. Petrópolis: Vozes.

Valsiner, J. (2003). *Beyond social representations: a theory of enablement*. *Papers on Social Representations*, 12(7), 1-16.